

REVISTA

BULUNGA

agosto de 2022 - número 8

**A Revista Bulunga faz
um apelo aos feios:
continuem usando máscaras,
por favor!**



Editorial

Dissemos em outra oportunidade que Orson Wells conseguiu comprovar o poder de manipulação da mídia, no caso, do rádio, em 1938, ao transmitir um programa, "A Guerra dos Mundos", adaptação da obra de H. G. Wells, como se fosse um boletim jornalístico, levando o público à loucura, pensando se tratar de uma real invasão alienígena aos EUA.

Mas foi um pouco mais tarde, com o advento da televisão, que essa capacidade de "conduzir as massas" foi elevado à perfeição, principalmente no Brasil, quando determinada emissora conseguiu eleger um falso "caçador de marajás" como Presidente do país, para, pouco depois, o depor.

Porém, a técnica não se restringe ao jornalismo, pois é muito comum a inserção de merchandising e mensagens subliminares na programação geral, com o público recebendo determinações para beber Coca-Cola, a comer um McLanche Feliz ou a comprar este ou aquele carro, mesmo sem saber dirigir.

Mais recentemente, a situação tem tomado um posicionamento menos discreto com o jornalismo assumindo uma postura severamente "ativista", para tentar elevar, com a ajuda de seus "âncoras" e colunistas, um criminoso à condição de salvador da pátria.

Tudo isso porque um outro candidato de língua presa, mas que inventa de soltá-la nos momentos mais inoportunos, fez alguns comentários sobre pretos, bichas cuspidinhas, feministas feias e um torturador, e que, para piorar, não era muito a favor de soltar verbas para o jornalismo e para os artistas, principalmente aos que eram ligados a essa grande emissora de TV.

Enquanto isso o povo segue se odiando por questões políticas, e já se foi o tempo em que se matavam pelos resultados das finais de FLA X FLU, Corinthians X Palmeiras e Cruzeiro X Atlético.

Bons tempos aqueles.

CENSURA

Hoje iremos falar de censura. Ou melhor, iríamos: acabamos de ser censurados. A coisa está feia.

Nononono nono no nononono non nonono nono nono nono no nono nonoonoo no nono no nonononoo nono nonono nononon nono nonono nono nonono no nono nono no nono nonoonoo no nono no nonononoo nono nonono nononon nono nonono nono nonono no

Nononono nono no nononono non nonono nono nono nono no nono nonoonoo no nono no nonononoo nono nonono nononon nono nonono nono nonono no nono nono no nono nonoonoo no nono no nonononoo nono nonono nononon nono nonono nono nonono no

Nononono nono no nononono non nonono nono nono nono no nono nonoonoo no nono no nonononoo nono nonono nononon nono nonono nono nonono no nono nono no nono nonoonoo no nono no nonononoo nono nonono nononon nono nonono nono nonono no

Nononono nono no nononono non nonono nono nono nono no nono nonoonoo no nono no nonononoo nono nonono nononon nono nonono nono nonono no nono nono no nono nonoonoo no nono no nonononoo nono nonono nononon nono nonono nono nonono no

Nononono nono no nononono non nonono nono nono nono no nono nonoonoo no nono no nonononoo nono nonono nononon nono nonono nono nonono no nono nono no nono nonoonoo no nono no nonononoo nono nonono nononon nono nonono nono nonono no

Nononono nono no nononono non nonono nono nono nono no nono nonoonoo no nono no nonononoo nono nonono nononon nono nonono nono nonono no nono nono no nono nonoonoo no nono no nonononoo nono nonono nononon nono nonono nono nonono no

Nononono nono no nononono non nonono nono nono nono no nono nonoonoo no nono no nonononoo nono nonono nononon nono nonono nono nonono no nono nono no nono nonoonoo no nono no nonononoo nono nonono nononon nono nonono nono nonono no

Nononono nono no nononono non nonono nono nono nono no nono nonoonoo no nono no nonononoo nono nonono nononon nono nonono nono nonono no nono nono no nono nonoonoo no nono no nonononoo nono nonono nononon nono nonono nono nonono no

Nononono nono no nononono non nonono nono nono nono no nono nonoonoo no nono no nonononoo nono nonono nononon nono nonono nono nonono no nono nono no nono nonoonoo no nono no nonononoo nono nonono nononon nono nonono nono nonono no

Nononono nono no nononono non nonono nono nono nono no nono nonoonoo no nono no nonononoo nono nonono nononon nono nonono nono nonono no nono nono no nono nonoonoo no nono no nonononoo nono nonono nononon nono nonono nono nonono no

Nononono nono no nononono non nonono nono nono nono no nono nonoonoo no nono no nonononoo nono nonono nononon nono nonono nono nonono no nono nono no nono nonoonoo no nono no nonononoo



ENTREVISTA COM UM BANDIDO

O Brasil é o paraíso dos bandidos. Eles estão em todas as partes, nos mais altos escalões dos poderes da República, são eleitos ou indicados pelos eleitos, ditam as regras, livram quem eles querem, não obedecem regras e muito menos uma ética, e assim o povo vai se desiludindo com tamanha impunidade e acaba se afastando da política e entrega o país na bandeja para esses bandidos.

Mas o nosso entrevistado não anda armado, apesar de já ter se envolvido em grandes confusões, e hoje vive de pequenos golpes na internet, que, somados, rendem a ele excelentes ganhos mensais, permitindo que desfrute uma vida confortável, com direito a carro de luxo, viagens internacionais, mulheres de aluguel e moradia em um resort com spa, quadras de tênis de

saibro e piscinas aquecidas de raia. Já foi preso algumas vezes, e numa dessas passagens foi que aprendeu esse lucrativo negócio em que atualmente “trabalha” uma média de quatro horas por dia, praticando golpes pelo WhatsApp, Instagram, e-mail ou telefone, sempre com o propósito de obter as senhas dos distraídos, o que, segundo ele, é tarefa extremamente fácil, porque as pessoas são muito descuidadas com essas coisas.

Foi-se o tempo em que ele varava as madrugadas tentando fazer as mais diversas combinações para descobrir as senhas das pessoas, mas utiliza os mais variados recursos da tecnologia para obter vantagens junto aos seus “clientes”, que, reconhece, não são muito cuidados com essas questões de segurança.

Bulunga - Como foi o começo de sua carreira?

Bandido - Comecei bem cedo... pelo que minha mãe contava, iniciei sequestrando as chupetas dos meninos na creche. E cobrava pelo resgate. Mas eu me lembro mesmo era do tempo em que tinha uns três, quatro anos de idade. Eu ia até o armazém da esquina e roubava balas e chicletes. Depois fui aperfeiçoando: revistas em quadrinhos, brinquedos, cigarros... Melhor do que roubar, é trapacear: aprendi isso jogando “bafo”. Conhece? Aquilo que a meninada jogava com figurinhas de álbuns. Colocavam as

figuras de cabeça para baixo e quem conseguisse virá-las com um tapa, ganhava. Depois passei para o buraco, para o truco e para o pôquer, sempre valendo dinheiro. Mas nesse tempo eu já tinha uns 9 ou 10 anos...

Bulunga – Que rápida evolução!

Bandido - Mais tarde aprendi a falsificar bebidas. Comprava as garrafas de whisky vazias e colocava uma mistura de chá de mate e vodka barata lá dentro. Os bebuns nem percebiam e bebiam, felizes. Ganhei muito dinheiro assim.

Bulunga - Você fala muito em roubos, mas na verdade eram furtos... roubo envolve o emprego de violência, uso de arma branca ou de fogo...

Bandido - Isso eu nunca fiz. Quem faz isso é burro. Você pode obter valores bem maiores usando a trapaça. O golpe do bilhete premiado, por exemplo. Quem cai é porque estava querendo levar vantagem sobre o outro, que supostamente seria um inocente.

Bulunga – Certamente...

Bandido – Mas existem outros tipos de violência. Quer violência maior do que desviar os salários de aposentados, merendas das crianças, verbas dos hospitais? É uma verdadeira violência. É roubo mesmo...

Bulunga - Falando assim, até parece que você está criticando...

Bandido - Criticando nada: o cara tem que ser muito talentoso para fazer isso. Admiro uns caras assim...

Bulunga - Mas você se especializou em golpes...

Bandido - Das mais variadas espécies

Bulunga - E você não sente remorso?

Bandido - Sinto muito remorso: de não ter roubado mais... Mas só fico puto com falta de respeito. De vez em quando vem um mané tentando aplicar um golpe em mim, e aí não perdoo: desço a lenha, pois nisso eu sou professor.

Bulunga - E você acha que o crime compensa?

Bandido - Compensa. É claro que compensa. Vejam o que está acontecendo no Brasil. Os bandidos estão dominando tudo. E agora querem eleger um presidente bandido.

Bulunga – O problema é quando se enganam e elegem um bandido que pensavam que era inocente. Mas esse todo mundo sabe que é bandido, e assim votarão com consciência.

Bandido - Bandidos são eleitos para fazerem leis que garantam o livre exercício da bandidagem. A legislação brasileira é um estímulo à bandidagem. A pena máxima é de 30 anos, mas os caras não ficam nem 5...

Bulunga – O que você tem a dizer sobre o crime organizado no Brasil?

Bandido – No Brasil o crime é desorganizado. É bandido querendo roubar bandido. Assim fica difícil. É preciso ter ética.

Bulunga – Existe uma ética no reino da bandidagem?

Bandido – É claro que existe. Um bandido tem que ajudar os

parças. Não pode sair alcaguetando. E tem que ser fiel. Se você coloca um bandido em determinado posto para te livrar quando você for denunciado, quando chegar a hora ele tem que te liberar. É um pacto que não se pode quebrar.

Bulunga – O Brasil pode ser considerado o paraíso dos bandidos?

Bandido – Olha, melhor que o Brasil não existe. É claro que bandidagem tem em todo lugar, até em Tuvalu deve ter. Mas aqui o negócio é bom mesmo. O cara pode fazer o que quiser que não fica preso. Leis têm demais, mas não servem para nada. Só que os bandidos precisam se organizar, obedecer uma hierarquia, e por isso precisamos eleger o nosso representante pelas urnas, para o cargo máximo do país. Aí o bicho vai pegar.

Bulunga – Mas isso não pode causar um “esgotamento de recursos”? Se roubarem tudo, o país pode “quebrar”...

Bandido – Quebra não. O Brasil é muito rico. Deve durar ainda mais uns 30 ou 40 anos.

Bulunga – 30 ou 40 anos não é pouco?

Bandido – Até lá já morremos. Ou você acha que conseguirá viver mais de 100 anos?

Bulunga – E o que será das novas gerações?

Bandido – Nós temos que ensinar o nosso ofício aos nossos filhos. Eles tem que aprender a roubar desde pequeninos, para saberem se virar nesta vida, senão vão ter que depender de nós para sempre.

Bulunga – Parece que para você só existe o aqui e o agora...

Bandido – É claro que não! Sou uma pessoa espiritualizada. Dependendo do lugar para onde eu for mandado, para cima ou para baixo, eu vou ter que me ajustar... se é que me entende...

Bulunga – Entendo... entendo, sim. Acredita que sempre vai poder dar um “jeitinho”...

Bandido – Temos que levar vantagem em tudo, certo?

Bulunga – Quero agradecer pela entrevista, e assim vamos encerrando por aqui.

Bandido – Não há de quê!

Bulunga – Que estranho... não estou encontrando a minha carteira. Estava aqui em meu bolso... Não me diga que você...

Bandido – Eu não sei de nada!

A MULHER DO

por Jorge F. Isah

- Quem é aquela ali? – apontou a escrivã.
- Aquela?!... A Mulher do 171 – respondeu o policial.
- Quem?!?

O homem surpreendeu-se. Chegou a pensar, rapidamente, em que mundo a colega estava e vivia.

- Não sabe mesmo quem é?...
- Não faço ideia...
- Estávamos à caça dela havia muito tempo... Existem tantas denúncias, que a ficha se estende por quilômetros.
- É assassina? Traficante? Contrabandista?
- Quem dera!... – Disse o policial carregando nas palavras – Está no aguardo da delegada indiciá-la por racismo, homofobia, fascismo, xenofobia, transfobia, neofobia, gimnofobia e, você não vai acreditar, descobriram que ela é terraplanista...
- Oh, meu Deus!...Que horror!... Era melhor que fosse terrorista... – Colocou a mão na boca, balançou a cabeça, aproximou-se da Mulher do 171 e disse, em alto e bom som, como se estivesse a passar por ali acidentalmente e aproveitou para se manifestar – Sua opressora! Ditadora!

A Mulher do 171 ergueu os olhos instantaneamente, e baixou-os ainda mais céleres. Imaginava o que teria feito para estar ali e merecer todos aqueles xingamentos e ataques... Seria o cãozinho abandonado no veterinário? A guimba de cigarro lançada no quintal do vizinho? Ou o dia em que mandou um pedinte trabalhar e não a importunar?... Mas, estar cadeia? Algemas? A casa remexida?...

Quando viu o helicóptero sobrevoar a casa, supôs ser perseguição a um foragido, assaltante, ou uma autoridade, daquelas que mobilizam todo aparato estatal, passar na sua rua... Quando viu a porta da sala derrubada, em seguida a da cozinha, e os guardas entrarem aos gritos (e ela também gritou, histérica, de susto), ameaçando atirar se não levantasse as mãos e ajoelhasse... Era um surto psicótico? Pegadinha? Ou consentiu, de alguma maneira, em participar das filmagens de uma série policial?

- Que isto?!... O que está acontecendo?!... – Mas já haviam dobrado seus braços para trás, algemado-a, e a puseram sentada no sofá... duas armas apontadas, enquanto reviraram toda a casa, que estava em vias de terminar a limpeza.

- Que loucura é esta?

Ninguém disse nada. Ela repetiu a pergunta. Outra vez. E de novo. Por fim, um dos policiais (todos usavam balaclava) falou pernóstico:

- Na hora certa, saberá. Agora, cale-se! Não piore as coisas...
- Passadas quase três horas da prisão, não lhe foi apresentado um motivo sequer para estar ali, daquele jeito. Não sabia se estava louca ou se os outros enlouqueceram. E se a loucura era contagiosa, a espalhar-se como gripe ou covid... ainda mais virulenta, pois se disseminava pelas ondas de tv, rádio, wifi e 5G... Tentou obter alguma coisa, mas faziam-se de surdos e mudos, quando muito riam um risinho cínico, quase perverso, como se estivessem a ponto de satisfazerem-se em suas vinganças.

Ouviu uma ordem, por fim.

- Venha! – Puxou-a pelo braço e ergueu-a, arrastando-a pelo corredor sem qualquer cerimônia.

Entre tropeços, esbarrões e gafes, entrou em uma sala. Forçada a sentar-se, estava diante de uma mulher que parecia um clone do Whindersson e Jojô Todinho. Ela iniciou, sem olhar para a Mulher do 171.

- Sabe por que está aqui?
- Não, não sei não...
- Ora, deixa de firula! Como não sabe?



- Não sabendo...

- Veja como fala!... Posso ser uma dor de cabeça ainda maior para você!

- Apenas respondi...

- Pois não responda! Onde pensa que está?! – A delegada subia cada vez mais os decibéis, e estava já em alguns pontos além do chlique.

- Se eu puder falar...

- Quem autorizou que falasse?... Perguntei por perguntar! Não era para você responder! – E concluiu

– ... era só o que me faltava!

A Mulher do 171 calou-se. Pensou em pedir para ligar ao advogado mas lembrou-se de não conhecer nenhum, e a simples ideia de contato fez se arrepender de tê-lo cogitado.

- Pois bem, ficará detida até o juiz resolver qual será o seu destino.

- Do que me acusam?

A delegada, demonstrando ainda mais neuraste-nia e sofreguidão, encarou-a, pronta a pular sobre ela, se necessário, enquanto reagia queixosa.

- Lá vem de novo com essa ladainha!... Deixa de fingir de sonsa!... Você não me engana!... Detetive, tira esta mulher daqui, antes que eu perca a paciência de vez!

O homem arrancou-a da cadeira e, entre tropeços, esbarrões e gafes conduziu-a pelo corredor. Depois de se instalar na cela, com outras oito mulheres, num espaço de 9m², se tanto, alguém lhe perguntou:

- Quem é você?

- Sou a Mulher do 171... – Respondeu.

Nisto, quase por um lampejo, todas se amontoaram a um canto. Era visível o pavor, o esgar das bocas em suas caretas medonhas de assustadas, nos olhos perplexos cravados na silhueta pequena, esquelética e icterica. Se abraçavam, mãos dadas, como um cardume de sardinhas diante do predador. As respirações sôfregas, suores a escorrer pelas mãos, nervos estremecidos em meio a gemidos, ranger de dentes e soluços plenos de desespero... Alguém gritou “socorro”. Outra, “guarda”. Seguidos por clamores insistentes e cada vez mais perturbados. Aquilo durou vários minutos. A Mulher do 171, no início, virou-se, depois olhou para os lados, e como não visse nada ou ninguém a ameaçar, entendeu tratar-se dela mesma. Mas, por quê?... O clima se tornou apavorante, e a agitação e nervosismo das mulheres não arrefecia. Foi quando uma delas desmaiou, e em seguida outra. Os apelos insistiram-se ainda mais urgentes. De modo que a Mulher do 171 começou a gritar também por socorro, não para si, mas para as mulheres em colapso. Fez o gesto de aproximar-se para ajudá-las, e não sabia de onde viera aquele espírito solidário, tão incomum em sua vida, mas quando outras duas perderam os sentidos, reteve-se no lugar.

Ao lembrar os últimos dias chegou à conclusão de o cãozinho ganhar da amiga (?), e depois enfeitado, devia ser de alguém muito poderoso, um figurão disposto a se vingar... Ah, se soubesse que era tão importante... certamente daria a ele um nome pomposo... Apolo ou Thor... até mesmo o de um molusco...

Tudo começou com a dupla formada por Renato Aragão (Didi) e Manfred Sant'Anna (Dedé), ainda na década de 1960, que levava o nome de “Adoráveis Trapalhães” e depois “Os Insociáveis”, criação de Wilton Franco para a TV Excelsior, e que agregava nomes como o cantor Wanderley Cardoso, o lutador Ted Boy Marino e o cantor e ator Ivon Cury.

Depois é que vieram Mussum, que já era um cantor de sucesso do grupo “Originais do Samba”, a convite de Dedé Santana, e Zacarias, personagem vivido pelo ator mineiro



OS TRAPALHÕES



Dedé Santana

Mauro Gonçalves, trazido por Renato Aragão.

As tramas quase sempre giravam em torno das malandragens do cearense esperto, o Didi, que se saía bem na maioria das situações, dos vacilos do “escada” Dedé, das confusões de Mussum e da ingenuidade de Zacarias, em situações totalmente previsíveis,

assim como ocorre nos espetáculos circenses, e que sempre agradava a todos, em um tipo de humor direcionado a crianças, adultos e idosos.

Foram muitos anos de sucesso na TV e no Cinema, sendo difícil apontar quem não gostasse das trapalhadas quase sempre ingênuas do grupo, em um tempo em que se podia brincar com situações hoje classificadas como racismo, homofobia, xenofobia, gordofobia, carecofobia, entre outras chatices que se sobrepuseram ao humor, tornando a vida dos brasileiros extremamente chata.

O sucesso do grupo era tão fabuloso,

que 7 dos seus filmes estão na lista dos 10 mais vistos na história do cinema brasileiro.

O programa de TV era formado por esquetes de poucos minutos de duração, e contou com a presença de muitos famosos, como Jorge Lafond, mais conhecido



Zacarias



Mussum

retomada no ano seguinte, após muitas reformulações, mas sem aquela magia que representava o personagem, possivelmente, o mais querido do público.

Durante os anos seguintes foram apresentadas reprises, até que Didi e Dedé resolveram voltar, com a participação de diversos convidados, mas já não era a mesma coisa, e durante certo tempo as aparições foram ficando esporádicas, quase sempre com Renato Aragão à frente

como "Vera Verão", Tião Macalé (Nojento!), Xuxa Meneghel, entre dezenas de outros, e teve os seus textos escritos com gente do porte de Carlos Alberto de Nóbrega e Arnaud Rodrigues, além do próprio Renato Aragão.

O grupo sofreu o primeiro baque em 18 de março de 1990, com a morte de Zacarias, o que quase representou o fim do grupo.

Em 29 de julho de 1994 foi a vez de Mussum deixar este mundo sem a sua alegria, o que resultou em uma pausa nas gravações, que só foi

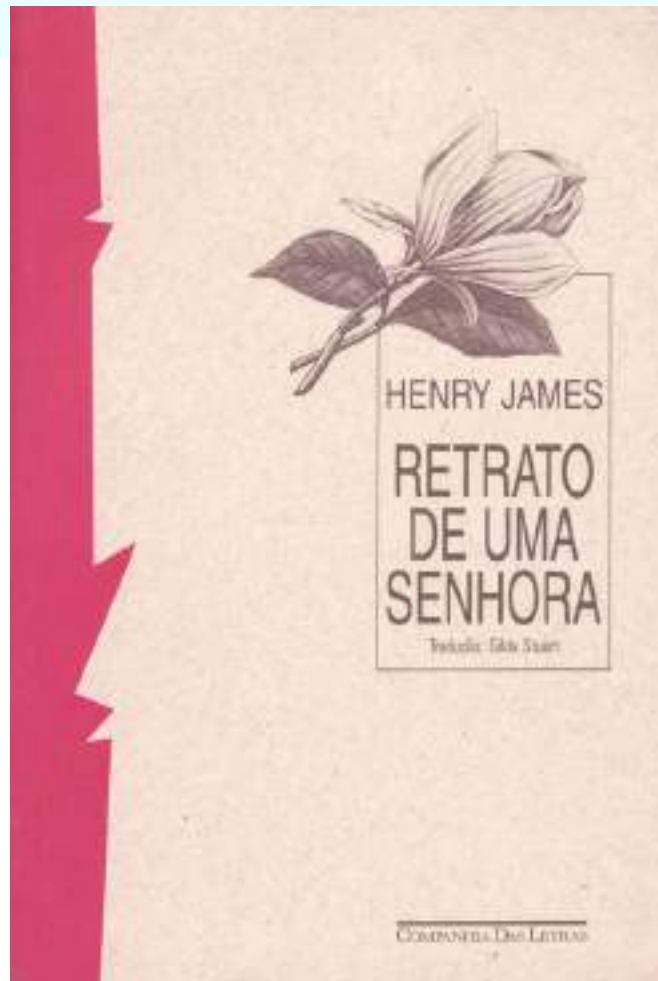
do programa "Criança Esperança". Atualmente, aos 86 anos, Dedé participa de entrevistas em podcasts e Renato Aragão, com 87 anos, faz algumas incursões no TikTok.



Renato Aragão (Didi)

A Superfluidade Humana em “Retrato de Uma Senhora”

Jorge F. Isah



Retrato de uma Senhora é um livro de conflitos, a perpassá-lo em cada página, parágrafo, linha. Henry James é um autor e tanto. Ele penetra e fustiga seus personagens até espremê-los à exaustão e ao limite de suas forças (dele, e deles). E o amor parece ser a causa, a origem de todos os embates e hostilidades nessas relações. Seja o amor à pátria, ou alguém, ou a si mesmo, seus desejos ou convicções, nada é fácil, ou melhor, puro, aos olhos dos personagens. Existe sempre uma áurea de maldade, de oposição, a impedi-lo de se concretizar, materializar-se, em meio às imperfeições e sutilezas aspiradas por almas incapazes de fazer o bem, ainda que o almejem (Ralph, certamente o personagem mais fascinante do livro, mesmo pretendendo fazer o bem, acaba por reconhecer que o bem pretendido não foi além do mal realizado. Ainda que seus esforços sejam nobres, dar à sua prima, Isabel, os meios para realizar o seu idealismo: ser uma mulher do mundo, conhecendo-o, em sua ânsia por liberdade; motiva-o a satisfação de ser o benfeitor anônimo, numa prova de desprendimento, mas também de ascetismo mórbido – Quem ler o livro entenderá).

A ideia do autor de narrar a trajetória de Isabel, no decorrer de alguns anos, menos de uma década, e, especialmente, o que lhe sucederia, sendo uma jovem

moderna, independente e visionária, leva-o, contudo, a investigar o fracasso, digo, a frustração de homens e mulheres a circundá-la; satélites em desarmonia, perturbados e caóticos, enquanto a estrela central se implode, incapaz de manter a si mesma, e ao seu círculo, na rota da felicidade. Estão sempre a colidir uns com os outros; e amontoam-se em camadas de orgulho, vaidade e pernosticismo. Não é o retrato de uma senhora, mas da alma humana, de uma sociedade na qual a busca da felicidade e realização tem tão duros e insuperáveis obstáculos que o desgosto parece ser a forma natural de se viver enquanto os sonhos se dissipam, como barcos em naufrágios.

O mal se faz sentir nas doenças, nos encantamentos, nas aspirações, nos convívios, amizades, casamentos, traições e tentativas; percorre os sentimentos, os atos, os desejos, e nem mesmo uma alma angélica e adorável como a de Pansy está imune à tristeza de, sendo cândida, pagar pela impureza dos outros; mais especialmente de seu pai, Osmand e de sua amiga, madame Merle. Esta, com certeza, é ladina, finória, vivendo em uma constante trama, planejando tirar dos outros, em especial o seu círculo mais próximo, as vantagens necessárias para sobreviver, sem ser ela mesmo capaz de retribuir além das intrigas.

É difícil escrever sobre uma história sem contá-la; e é o que venho tentando fazer, sem as vezes obter sucesso. A ideia é relatar o mínimo necessário para aguçar o interesse do leitor, de que ele se disponha a comprar o livro e, ele mesmo, venha a descobrir coisas que não descobri, e ver o que não vi. Tomara que eu possa, com o mínimo, levar alguns a desejarem o muito.

Retrato de uma Senhora é um grande livro, dos melhores que li ultimamente. A trama é elaborada, sem os constantes e desnecessários “sustos” e “perplexidades” que as obras atuais se especializaram, como a maneira mais fácil de fisgar o leitor (de maneira artificial. Escrevem como se fosse um thriller de suspense e emoções “sem pé nem cabeça”). Não é um livro fácil; mas certamente, à medida que se dá voz às personagens, acaba-se por criar uma empatia e cumplicidade com alguns deles. E o grande livro somente o é se amamos e odiamos, apiedamos ou desprezamos certas personagens. Escrito no final do século XIX, é uma obra universal. Talvez, e somente talvez, eu gostaria que James tivesse reduzido o volume total de páginas em algumas dezenas; me parece que cinquenta seria um bom número. Mas, certamente, não serei eu a desprezar uma linha sequer do enredo; pelo contrário, tenho-as, cada uma, como importante para o desenrolar da história.

Voltando a ela, creio que a maioria desprezaria ou não entenderia os percalços, dúvidas e esquemas abusivos e caprichosos em que as pessoas se inseriam ou eram cooptadas. A questão pode ser entendida como o apelo à “primitividade” humana, tão distante da “liberdade” com que se goza atualmente. A verdade é que o livro vai muito além da superficialidade das relações e seus meandros, e que parecem desmerecê-los em prol dos modernos avanços do sec. XXI. Ledo engano. O homem certamente descrito por James conhecia mais de si mesmo e do outro, e por isso não tinha ilusões, ao menos não se entregava a elas como um cão ao osso.

Ao contrário da aparente fleuma de superioridade, da autoconfiança e da quase infalibilidade das apreciações e conceitos “modernos”, o homem permanece o mesmo, em sua busca de felicidade, de satisfação, de realização, mas esquecendo-se de que nelas reside o seu ser. Ele nada mais é do que aquilo que faz ou pensa fazer, para o bem ou para o mal. Ele não é, se não fizer; e mesmo fazendo, deixa de ser. Não o que é, mas o que deseja ser ou pensa ser. Por que isso? Porque a leitura de qualquer obra deve, no mínimo, não ser apenas a apreciação da história pela história, mas o que ela revela do homem, do mundo, do conhecido, do desconhecido, do tangível, do intangível, do natural e do sobrenatural, do homem e de Deus.

Henry James não pretendeu escrever sobre a necessidade do homem de Deus, mas ao descrever a insuficiência humana e o seu fracasso, deixou nas entrelinhas essa exigência; pela falta pode-se saber a

ausência, e naquilo em que somos carentes. E, “Retrato de uma Senhora”, é a síntese da superfluidade que em nada preenche ou pode preencher o homem.

Avaliação: (****)

Título: Retrato de Uma Senhora

Autor: Henry James

No. de Páginas: 680

Editora: Cia das Letras

Sinopse: "Retrato de uma senhora, publicado pela primeira vez em 1881, é o primeiro grande romance de Henry James, e talvez sua obra máxima. Num século em que a esposa burguesa insatisfeita tornou-se um personagem literário central, e o adultério um motivo romanesco recorrente - o século da Madame Bovary, de Flaubert, e de Anna Karenina, de Tolstói -, Henry James colocou em cena uma heroína singular, cuja carência essencial é de outra ordem. Com uma narrativa que, astuciosamente, começa lenta, quase contemplativa, e aos poucos se acelera, ganhando dramaticidade, James constrói sua história como um jogo em que cada coisa se transmuta em seu oposto: liberdade em destino, afeto em traição, pureza em artimanha - e vice-versa"



OPTICA METRÓPOLE
Rua da Bahia, 1051-A - Centro
Belo Horizonte - MG
(31)3226.3212



A volta dos mortos-vivos ou a dolce vita no inferno

por Kim Jordan

Talvez você não saiba, ou sequer imagine, mas os faraós eram enterrados com suas joias e ouro, vestuários, esposas, servos, escravos e mais alguém ou algo que o falecido quisesse ter em seu reino celestial. Com isso, nada faltar-lhe-ia, inclusive aqueles para servi-lo, do outro lado. Muitos sacrifícios foram realizados pelos desejos, temores e cuidados faraônicas. O faraó Djer, por exemplo, filho do faraó Hórus Aha, governou o Egito na I Dinastia, entre 3.100 e 3.043 ac., aproximadamente, quando faleceu. Na sua tumba, em Umm el-Qa'ab, Abidos, foi enterrado com outras 318 pessoas. Não se sabe ao certo como eram realizadas as imolações, provavelmente por venenos ou drogas paralisantes.

Em nossos dias, se fosse dada a escolha de ser enterrado com o seu ídolo, quando este morresse, o que você pensaria? “Mas essa é uma ideia estúpida”, diria um. “Não tem coisa mais sem cabimento”, diria outro. “O que você está insinuando com isso?”, outrem se pronunciaria. A verdade, contudo, é que muitos vão para os túmulos dos seus ídolos. Loucura? Asneira?... Não, é a verdade da qual o homem tem de se libertar, não importa quão importante ou quanta afinidade se tenha com ele ou eles.

Quando existe uma defesa intransigente e absoluta para com seus ídolos de estimação, muitas vezes cega e obcecada, seja um político, artista, clérigo, jogador de futebol e, pasmem!, bandido e salafário, o que diria, por exemplo, um parente ou amigo? Que durante a sua vida não lhes revestiu do mesmo ardor e paixão? O que dirá a sua mãe, esposa/marido ou filhos quando o virem tomar “bênção” a um desconhecido? Ou espalhar pôsteres pelo seu quarto? Ou defendê-lo obstinadamente mesmo em seus caprichos, manias e defeitos?

Alguém pode dizer:

- Bem, mas não estaria apenas substituindo o ídolo desconhecido pelo ídolo conhecido, neste caso a mãe ou a esposa?

Normalmente não agimos levemente com pessoas do nosso convívio, pelo contrário, estamos mais dispostos a criticá-los do que a nós mesmos. A questão é: você se dedica com a metade do empenho no relacionamento com os mais próximos da mesma maneira que se consagra ao ídolo? Qual a razão de dispendir dinheiro, emoções, intelecto, e entregar a própria alma a um estranho que não o possa fazer a alguém realmente do seu trato?

- Me diga então, sabichão: você apenas admira e se simpatiza com seus correlatos? Ninguém fora do seu círculo merece a sua atenção? – Insistiria o interlocutor.

Não estou a falar de méritos, valor ou concordar com atitudes e seus promotores. Por exemplo, se alguém demonstra um ato de gentileza, prestando seja lá que tipo de ajuda, abonarei a atitude e o agente. Mas se esse indivíduo, em seguida, chuta um cão ou joga lixo na rua, não conceberei desculpas a fim de justificá-lo. Infelizmente, muitos agem assim, e para não serem paradoxais (ao menos não se sentirem como tal), criam os maiores sofismas e se fazem de hipócritas na tentativa de salvaguardarem-se a si mesmos preservando o seu ídolo.

- Mas todos erramos... Ninguém é perfeito...

Mais um motivo para não se ter ídolos e morrer abraçado a eles, não é!

E algo ainda pior: ter a consciência trancafiada a sete palmos, anos ou décadas antes de a “dolce vita” no inferno chamá-lo em definitivo.

Ah, e depois, os antigos egípcios é que são criticados...

O GORDO E O MAGRO



Oliver Hardy (o gordo) e Stan Laurel (o magro) formaram uma dupla de sucesso nos anos 1920 a 1950, explorando um gênero de comédia ingênuo e inteligente, tendo atuado em 106 filmes juntos, com 32 curta-metragens mudos, 40 curta-metragens, 23 longa-metragens, e ainda participaram de 11 filmes como convidados.

Era um tempo em que gênios como Charlie Chaplin, Harold Lloyd, Buster Keaton, Os Irmãos Marx e Os Três Patetas faziam sucesso, e havia público para todos os tipos, no teatro e no cinema, e a dupla passou da fase muda para a falada sem maiores problemas.

Laurel era inglês, enquanto Oliver era norte-americano, e encarnaram com perfeição o estilo “clown” que define os tipos “branco” (Oliver) e “augusto” (Laurel), sendo o primeiro o mandão, o que sabe tudo, e o segundo, o distraído, ingênuo, poético e atrapalhado.



As confusões quase sempre giravam em torno dos vacilos do “magro” e as intervenções rabugentas do “gordo”, que sempre se dava mal, para o delírio dos espectadores.

A primeira aparição da dupla foi no filme mudo “The Lucky Dog”, de 1917, e após passarem alguns anos atuando separadamente em filmes pelos Hal Roach Studios, em 1926 eles tornaram a atuar juntos, e daí em diante foram só sucessos, como em Liberdade e Seus Perigos e Negócio de Arromba (1929), Caixa de Música (1932), que até venceu o Oscar de melhor curta-metragem daquele ano, Filhos do Deserto (1933), Dois Caipiras Ladinos (1937). Em 1940, a dupla trocou os estúdios da Hal Roach pela 20th Century Fox e a Metro-Goldwyn-Mayer, mas não foi um bom negócio, pois não possuíam controle da criação, e isso refletiu na baixa aceitação do público. Entre 1945 e 1950 preferiram se concentrar em produções teatrais, fazendo turnês pela Inglaterra, Escócia e Irlanda. O último filme da dupla foi Atoll K, de 1951.

Em 1954, Oliver sofreu um infarto do miocárdio e Stan teve um AVC. Em 1956 foi a vez de Hardy sofrer um AVC, ficando meses sem se mover ou falar, e faleceu em 7 de agosto de 1957, aos 65 anos. Profundamente sentido pela perda do amigo, daí em diante, Stan se recusou a atuar, passando a somente escrever textos cômicos, e faleceu, vítima de um ataque cardíaco, em 23 de fevereiro de 1965, aos 74 anos.

COLUNA DO CLODOKILL

FERNANDES

No-Alcoholic Lounge De-Stress

As coisas andam tão estranhas, mas tão estranhas, que não me surpreendi ao receber a informação a respeito da inauguração de um novo tipo de estabelecimento comercial: o “NALDS”, sigla de “No-Alcoholic Lounge De-Stress”. No início, fiquei intrigado, pois Belo Horizonte é reconhecidamente a capital dos bares, botecos e afins e nada mais extravagante do que um “bar” onde não se venderia bebida alcóolica. Fui me inteirar e a coisa parecia ainda mais estranha porque, para se desestressar, as pessoas precisavam antes de tudo se estressarem. Coisa de louco, né!... Deixe-me explicar: segundo a criadora da ideia, Dra. Filipina Andressa Markowa (P.H.D em Psicologia Comportamental pela Universidade Carlos Lamarca), terapeuta e coach nas horas vagas, as tensões nos relacionamentos diários havia levado um maior número de pessoas ao stress, ocasionando discussões, brigas, sequelas físicas e emocionais, e, em casos mais extremos, a dissociações irreparáveis e até a morte.

Resolvi entrevistá-la, e a dra. Markowa atendeu-nos gentilmente, por telefone, e explicou o novo método de reeducação social.

- Funciona assim: você paga uma mensalidade e tem acesso, uma vez por semana, ao nosso ambiente, e ali você literalmente “solta a franga”, colocando para fora todas as angústias, recalques, raiva, preocupações e qualquer outro gatilho para o stress.

- É apenas um lugar onde se pode desabafar livremente?

- Não, é muito mais profilático... Vou dar um exemplo: digamos que você foi repreendido pelo seu chefe por ter feito uma “cagada”, e teve de ouvir calado as suas represálias. Você liga para o nosso consultor virtual, ele agenda um horário e lhe dá acesso à nossa página. Ali você verá vários tipos de pessoas e, certamente, encontrará um voluntário que se pareça com o seu chefe. O encontro é marcado, e então poderá extravasar toda a sua raiva contida no “cover” do patrão. Após o horário programado, você poderá adquirir tempo suplementar, pagando uma pequena taxa extra, caso não esteja completamente satisfeito e precise “rodar a bahiana” um pouco mais.

Achei estranho aquele linguajar, não parecendo em nada com as enrolações e manobras linguísticas de terapeutas, psicólogos e coachs, cópias descaradas do tagarelar advocatício.

- Mas como funciona o voluntariado?

- Todos os membros, em dia com as mensalidades, estão aptos ao livre exercício do voluntariado, após, claro, passar por uma avaliação psicológica e comportamental.

- É possível ser membro sem ser voluntário?

- Não. Por uma questão de liberdade, igualdade e fraternidade todos assinam um termo se comprometendo ao trabalho sem remuneração.

- Mas isso não é uma escolha! É uma obrigação.

- Sim. Todos somos responsáveis por nossas escolhas, e se o candidato pretende utilizar a nossa plataforma de serviços terá de se adequar as regras... Tudo foi muito bem pensado para não haver distinções e injustiças.

- Não me parece muito justo... Já aconteceu de haver enfrentamento aos mais exaltados?

- Enfrentamento... Você quis dizer “cair na porrada”?

- Sim.

- Não sei o porquê de vocês jornalistas usarem tantos eufemismos ao invés de ir direto ao ponto.

- Responda, por favor...

- Atendemos grupos de no máximo trinta pessoas, divididos em 15 duplas, e para cada dupla sempre haverá outro colaborador para intermediar e impedir os exageros.

- Eles são funcionários treinados? Qual o grau de capacitação para a função?

- Não. Eles não são funcionários. São colaboradores.

- Você quer dizer voluntários...

- Bem, se quer assim, eu prefiro chamá-los de coadjutores, parceiros que se dispõem espontaneamente a realizar uma atividade humanitária essencial e gloriosa sem fins monetários.

- Depois, somos nós os eufemistas...

- O que você disse?

- Nada. Prossiga.

- O que havia perguntado mesmo?

- Se os “colaboradores” recebem algum treinamento e qual.

- Ah, claro! Não seríamos irresponsáveis a ponto de colocar em risco as vidas dos associados... Primeiro, é necessário ter a aptidão para a conciliação...

- Quer dizer que alguém pode ser reprovado?
- Sim e não. Aqueles que não preenchem os requisitos passam pela mentoria, a fim de se capacitarem e exercerem esta nobre vocação.
- Quer dizer que todos são aceitos?
- Sim. Tudo isso faz parte do processo de desestressar e de readequação socioeducacional.
- Pelo que estou entendendo, todas essas medidas visam evitar gastos e aumentar a lucratividade do negócio, certo?
- Isto não é um negócio ou empreendimento, no sentido mercadológico, mas um programa de reabilitação de pessoas, aumentando a estima, valorizando-as, evitando que se exponham à depressão, ansiedades, frustrações e suportem adequadamente as pressões da vida.
- E qual o percentual de reabilitados?
- Como estamos ainda na fase embrionária do projeto, não temos a taxa ou aferição de curados. Somente daqui a alguns meses ou anos teremos em mãos os dados necessários para satisfazer a sua pergunta.
- Quer dizer que não existe uma estimativa? Ou seja, todo o método não foi antes testado para ver se funcionaria?
- O que você está insinuando? De que somos vigaristas? Estamos aproveitando a boa-fé das pessoas?
- É o que parece... Se vocês não testaram, não têm parâmetros ou expectativas concretas, estão usando as pessoas de cobaias para enriquecimento ilícito, e isso é fraude, no mínimo.
- Ora, como se atreve, seu, seu... fascista!
- Se eu fosse burro o suficiente, me inscreveria no seu programa para xingar a sua "cover" de vigarista... Nisto, ouvi um fuzuê danado do outro lado da linha, o barulho de coisas quebrando, vidros se espatifando, gritos e, se não me engano, um ou dois tiros. A dra. Markowa desligou o celular. Liguei duas, três vezes, tentando reatar a conversar e saber o que estava acontecendo, mas em todas ouvi a mensagem: "telefone desligado ou fora de área". Fiquei matutando o que fazer com aquele material, se teria alguma coisa a aproveitar. Tinha o endereço do "NALDS", peguei um Uber e, quando cheguei, havia dezenas de viaturas da polícia, corpo de bombeiros, ambulâncias, e uma correria dos diabos. Apresentei a credencial de jornalista a um policial, no lugar onde fizeram um cordão de isolamento, e ele me disse que não poderia entrar.
- Mas sou repórter... Preciso saber o que está ocorrendo.
- Pois sou polícia, e não vai entrar. – Me disse carrancudo.
- Pode ao menos me dizer o que houve? Olhou-me com expressão de impaciência e austeridade.
- Você saberá amanhã, quando ligar a tv. - Soltou um risinho sarcástico e colocou um enorme cavalete na entrada. É por essas e outras que cada vez mais me imagino aprendendo a tocar berimbau e formar uma banda itinerante, para as sextas-feiras ganhar uns trocados nos terreiros de Salvador.



www.kalamoseditora.com.br

OURO DE TOLO

Isaach Monifa

Muito se tem falado nas últimas décadas de poluição do meio-ambiente e a necessidade de preservá-lo para o bem da humanidade. Há até mesmo aqueles, mais radicais e insanos, que defendem o fim da humanidade para que o meio-ambiente seja conservado. Eu só gostaria de saber se os idealizadores dessa ideia “genial” seriam os primeiros da fila de extermínio; ou estão apenas em busca de holofotes ou de tratamento psiquiátrico gratuito? A verdade não é outra senão o fato do homem ser o mordomo deste mundo, a quem Deus (quer você queira ou não) designou como administrador. A natureza é uma criação, assim como o homem, e não algo autogerado e, sendo o homem capaz de modificá-la, é necessário fazê-lo com sabedoria, conhecimento e bom-senso. As intervenções devem acontecer de forma prudente, organizada e com o menor impacto justificável. Nem sempre é possível, mas aconselhável... Não colocaria esta responsabilidade nas mãos apenas do governo, da iniciativa privada, de ong's ou exército de mercenários. Nem tão pouco nas mãos de plantadores de coca, marijuana ou ópio, ou a cargo de índios ou grileiros. Muito menos na massa de palpiteiros que assumem a preservação como um modismo, assim como se usava polainas no passado e agora usa-se havaianas. Não sobrou muita gente, é verdade, e esse pessoal, incapaz de conciliar-se, atiram um no outro e no próprio pé.

Não quero me ater a esse tópico, mas falar de outro que não ganha, aos olhos do Ibope, dos povos e organismos, a mesma relevância, e está muito mais ligado ao ambiente do que se possa imaginar, ao menos para os insanos padrões do establishment: a poluição anímica. Senão, vejamos:

1) Qual foi a última vez em que você estava lendo, ouvindo sua banda ou cantor predileto, ou assistindo aquele melodrama na tv, ou simplesmente tirando aquela soneca depois do almoço, e não se viu sacudido pelo terremoto sonoro do “mano” e seu funk morbo a perambular na rua ou estacionando o seu corsa duas portas de primeira geração bem debaixo da sua janela?

2) Ao flunar pela cidade, não teve o desagradável vislumbre de paredes e muros pichados, garatujas do mais péssimo gosto, a emporcalhar a visão?

3) Prédios e monumentos assimétricos, construídos sabe-se lá por qual alma penada, mais parecidos com cubos empilhados por um prematuro?

4) E o que dizer de homens e mulheres dispostos a inconveniência e descortesia, a fazer dos seus dias o suplício dos outros? Entre berros, grosseria e má-educação?

5) Sem falar nos ferretes epidérmicos (vulgo tatuagens e afins) que, para o bem dos higienistas mentais, deveriam se resumir às partes mais íntimas, longe dos olhares perturbáveis (do jeito que as coisas andam, nem estas partes são garantias de exposição dispensável)?

6) Ah, mas ainda não chegamos ao pior: naquele vizinho que faz um “gato” na luz, água ou tv a cabo, e você é quem paga a conta. Naquele político que desvia a verba do SUS e você acaba mandado de volta para casa, com uma costela quebrada ou o apêndice supurando, e ainda paga a conta. Ou as várias e múltiplas formas de existir uma casta privilegiada, muito além do que produz ou seja capaz de produzir, regalias adquiridas por meios ditos legais mas antiéticos; e a conta é sua. E outras ilegais e ainda mais antiéticas, com o ônus para você...

Portanto, antes de se preocupar com a extinção do pau-brasil (muitos acreditam ser a madeira verde e amarela) ou da arara vermelha (tem a maior parte do corpo em azul), olhe-se no espelho ou faça um exame de consciência e veja se este mundo não é simplesmente o reflexo do que você e eu somos, e, neste caso, não há lei ou protesto que despolua. Como está escrito: “Hipócrita, tire primeiro a viga do seu olho, e então você verá claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão.” (Mateus 7:5)

Pois o pecado não é de mais ninguém, a não ser seu... E não adianta dizer que é meu, senão vou escrever outro artigo impugando-o!



A REVISTA BULUNGA FAZ UM APELO AOS FEIOS: CONTINUEM USANDO MÁSCARAS, POR FAVOR!

Muita gente se sentiu segura com as restrições impostas por alguns governantes, que em determinados casos chegaram a recorrer à força policial para proibirem os populares de circularem pelas ruas, praças e praias, sob o entendimento de que o sol, as árvores e os passarinhos poderiam ser os responsáveis pela propagação do terrível vírus que se espalhou pelo planeta.



E o uso de máscaras se tornou obrigatório no Brasil, independente do material de que eram feitas, ou de suas condições de uso, tendo sido registrados casos em que as pessoas utilizavam os produtos descartáveis por meses seguidos, sem que nenhuma fiscalização fosse instituída para coibir essa nefasta prática. Em muitos casos, as matérias-primas utilizadas para a confecção desses equipamentos de proteção eram feitas de forma "caseira", com o reaproveitamento de





feita por meio do elemento "O", presente na H^2O e no O^2 .

Mas o povo anseia por ser controlado, e isso merece um governo ditatorial que decrete toques de recolher, racionamento de comida, censura da internet e dos meios de comunicação de massa, uniformes e burcas. Só assim esse povo será feliz.



cuecas, sutiãs, coadores de café (de pano ou de papel), meias velhas, sacolas plásticas de supermercado, entre outros materiais.

O medo foi implantado de tal forma que, ainda hoje, passados quase três anos do início da pandemia, e com o enfraquecimento da ação do vírus, muitas pessoas se recusam a sair de suas casas, enquanto outras adotaram acessórios semelhantes à burca, e ainda assim para irem a lugares essenciais, sendo que muitos deixaram definitivamente de tomar banho, temendo a transmissão pela água, e não só pelo ar, sob o entendimento de que a propagação poderia ser



Constatou-se, com isso, que o medo é a melhor forma para se conseguir governar um povo. Isso remonta os tempos da infância, quando o Bicho Papão e a Cuca estavam sempre prontos para pegarem as criancinhas desobedientes, e esses dois personagens vieram formar uma séria ameaça, no imaginário de muitos adultos, apoiadores de governos ditatoriais travestidos de democratas.

O FANTASMA NA PLANALTINA

Jorge F. Isah

Ibrahim lembrou-se de um amigo, pouco antes do atual governo vencer as eleições.

- O que você acha? – Ele perguntou.
- Do quê? – Ibrahim se fez de distraído.
- Ora, das eleições! O que mais poderia ser?
- Não acho nada.
- Não se preocupa com o caminho que as coisas estão tomando?
- Amigo, elas não começaram agora. Já veem de anos, décadas, quiçá séculos...
- Mas nunca foram tão graves, você não acha?
- Acho que o mundo é como um surfista: uma hora está na crista da onda, em outra, se afogando nela...
- Essa me parece uma atitude cínica, quase um debochada...
- Não vou consertar o mundo... E pelo que vejo, não existe ninguém empenhado em fazê-lo.
- Diga por você, não por mim.
- Não me leve a mal... Quero dizer que independente do que eu faça, as coisas estão traçadas, e nada vai alterar a rota de colisão... É inevitável.
- Isto é um misto de fatalismo com niilismo... Quer dizer que não existe esperança para você?
- Que seja... Não acredito que os homens possam melhorar as coisas. Na verdade, onde põem as mãos, estragam tudo. É a sina da humanidade...
- Não concordo... Existem pessoas diferentes... Nem todo mundo quer o caos como meio de lucro, de se dar bem.
- Sim, mas estes são silenciosos, quase invisíveis, e no fundo apenas querem cuidar da sua vida e vivê-la da melhor forma possível.

O colóquio variou sobre esse tema e se estendeu por vários minutos, quase a fechar o círculo e recomêçá-lo novamente. Ibrahim, ao perceberem-se estagnados, tratou de mudar o assunto.

- Nunca concordamos nesta questão... Talvez seja hora de pôr um ponto final e partir para outro assunto, não é!
- Você é quem sabe... Se quer continuar em negação e alienado... Por mim, não faz diferença.

O tom de aparente displicência trazia em seu bojo algo próximo do vilipêndio e censura. De certa forma, entendia a angústia do amigo, pois ele mesmo, no passado, considerou possível mudar alguma coisa em Bananalândia pela via partidária, por eleição e voto; contudo os anos se passaram, os políticos se revezaram, partidos alternaram-se no poder, e as coisas continuavam a ir de mal a pior, sem que um pingão de esperança se concretizasse na governança. Seja à direita, centro ou à esquerda, a máquina azeitava apenas as pretensões de uns e outros, enquanto todo o restante enferrujava e virava sucata. Então, sim, Ibrahim não tinha qualquer ilusão quanto às promessas de mudanças, pois elas significavam geralmente extorsão e pirataria amparadas pela lei, que eles não tinham a menor vergonha em redigir e aplicar à revelia dos cidadãos, mais interessados nas discussões loucas, agressivas e sórdidas entre lideranças e comandados, partidários de cá e de lá, numa malha de mentiras, fofocas, acusações e delírios, enquanto a maior parte do povo assistia aos vídeos de brincadeiras idióticas, remexos maliciosos e musiquinhas execráveis. Tudo embalado por “likes” e “deslikes” segundo o estado de espírito momentâneo, entre a malandragem ociosa e a pirraça visquenta.

Encarou o amigo, antes de dizer:

- Se assim está bom para você...

O outro, entretanto, não queria condescender, nem se dar por satisfeito.

- Alguém, não me lembro agora quem, disse: “O que me preocupa não é o grito dos maus. Mas o silêncio dos bons.”
... Não lhe diz nada?

- Sim... as vezes é melhor ser surdo.

Por fim, o amigo balançou a cabeça:

- Pois a mim, não dobram! Nunca vou baixar a cabeça para essa corja!... Vou lutar até a morte pela democracia e pelos valores são da sociedade.

Disse em alto e bom som, como se Ibrahim fizesse parte da quadrilha e estivesse em conluio para o derrotar ou enganar.

Dez anos depois, ou mais, aquele amigo era um proeminente chefe de gabinete do departamento de ordem pública, cujos centros de reeducação estavam sob sua administração; se não fosse triste, seria engraçado, em seu ridículo e patético encadeamento. Sempre que podia, em discursos e entrevistas, utilizava os termos democracia, justiça, liberdade, igualdade e direitos, muitas vezes em uma mesma frase, como meta insofismável do comando, enquanto os seus atos e ofícios desmentiam-no categoricamente.

Foi quando percebeu que aquele amigo não mais sabia o que dizia, muito menos o que fazia, para simplesmente embriagar-se no próprio ego ou covardia, e tornar-se um fantasma na Planaltina.



LaundrySpeed
SERVIÇOS

NOS CUIDAMOS DAS SUAS ROUPAS PARA VC!



-  Lavagem de roupas em geral
-  Passadoria
-  Remoção de manchas
-  Limpeza de tapetes,
terris, cortinas, redes e outros
-  Lavanderia Self-Serviço

Mais de 600 qualificados produtos
de qualidade e equipamentos
modernos a sua disposição!

Av. Azeiteiro, Pto. Sobrinhos, 384 - Lixa 16
Bairro: Belo Horizonte - MG. 30525-824.
SEG a SEX - 09:00 as 18:00 | SAB - 09:00 as 12:00
Em frente ao supermercado Bão.

(31) 3374 - 7281
 **(31) 98902-9482**

DIREITO & ESQUERDA

O termo Direito nos remete ao conceito de democracia, regime político adotado por alguns países do mundo e que tinha como modelo maior os Estados Unidos da América, mas que nas últimas décadas passou a ser influenciado por ideologias socialistas, sob a alcunha de “social-democracia”.

Direito e esquerda são fenômenos antagônicos, pois o primeiro só está presente em nações onde se observa a liberdade de expressão, enquanto o outro, para exercer o seu poderio, necessita restringir e censurar, sob pena de perder o seu controle estatal.

Os abusos do capitalismo levaram às extravagâncias do comunismo, e não se pode dizer com absoluta certeza o que é pior: passar fome com ou sem liberdade. Diriam os mais otimistas que seria preferível o primeiro, pois ainda haveria uma possibilidade de se trabalhar duro e se dar bem na vida, enquanto no outro, definitivamente, não.

Importante destacar que o comunismo é uma etapa do socialismo, e não passa de uma utopia idealizada Marx e Engels, pois defende que, após a implantação do controle estatal, este seria abolido, passando a prevalecer a auto-regulamentação, quando os trabalhadores se tornariam os donos do seu trabalho e dos bens de produção.

O conceito de uma sociedade igualitária já era pregada por Platão, em sua obra “A República”, que idealizava uma sociedade onde não existiriam vínculos matrimoniais e os filhos desconheceriam os seus pais, sendo criados pelo Estado, que garantiria o seu sustento e educação.

Mas já não existe um socialismo no estilo “clássico”, pois alguns países optantes por esse sistema de governo são atualmente apoiados por grandes investidores capitalistas, que descobriram a possibilidade de obterem lucros ainda mais extraordinários, cujos ditadores são fáceis de se corromper e trabalham com a exploração de mão de obra escrava, dando origem ao “capitalismo estatal”.

Já vivemos, no Brasil, uma ditadura de “direita”, durante o regime militar, entre os anos 1964 e 1985, período em que a paranoia tomou conta do governo, mas foi uma reação à violenta tentativa de retomada do poder, pelos simpatizantes ao Presidente deposto, João Goulart, confessadamente socialista.

Nesse período, os militares censuraram, perseguiram, cassaram, torturaram e mataram até quem não tinha nada a ver com a confusão, pois instaurou-se um estado de guerra e entendia-se que o inimigo poderia estar oculto sob os mais variados disfarces.



Contudo, diferentemente do que ocorre nas demais ditaduras, onde um ditador se perpetua no poder para todo o sempre, assim como nas Monarquias, durante a experiência brasileira houve uma alternância no comando, com a realização de eleições indiretas, e ao final o poder foi devolvido aos civis, que foram responsáveis por mergulhar o Brasil em um oceano de corrupção.

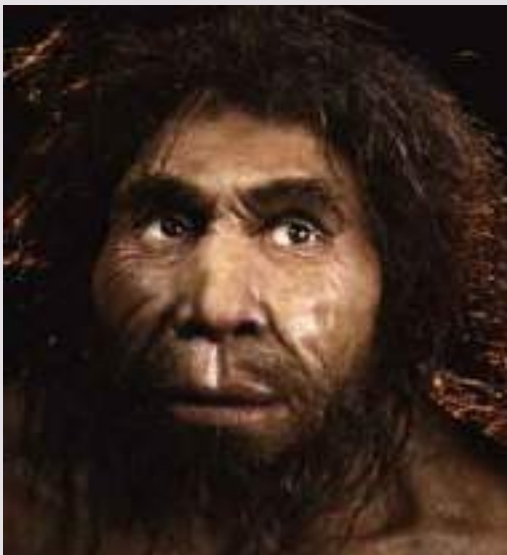
Em 1988 foi promulgada a nova Constituição Federal, com a divisão dos Poderes da República, mas não durou muito tempo até que comesçassem a ocorrer abusos, principalmente por parte daqueles que antes se diziam favoráveis à igualdade de direitos e ao fim da distinção de classes sociais, mas que mostraram extremamente gananciosos e mais se preocuparam em se tornar milionários.

O povo inocente, inculto, faminto, sob o slogan das “diretas já”, elegeu toda espécie de bandidos que passaram a elaborar uma legislação que os protegeria de eventuais condenações, e também se infiltraram nos demais Poderes, deixando o país ingovernável. E hoje observamos uma crise sem precedentes, com uma briga diária entre Judiciário e Executivo, sob o absoluto silêncio do Legislativo.

Ainda assim, no Brasil, muita gente apoia a volta do socialismo, melhor dizendo, do comunismo utópico, trocando a bandeira verde, amarelo, azul e branca pela vermelha, acreditando em falsas promessas de liberdade, de prosperidade e igualdade social, e ignorando que finalmente sairão da condição de pobres para entrarem na mendicância e na indigência.

EVOLUCIONISMO X CRIACIONISMO

A Pré-História, da forma como classificam os estudiosos no assunto, vai de 3 milhões de anos a 3.500 anos a.C., dividida entre os períodos Paleolítico, Mesolítico e Neolítico, marcados pela evolução do homem, com base na utilização de objetos para caça, preparação de alimentos, pinturas rupestres, desenvolvimento da olaria, produção de tecidos, fundição de metais e, finalmente, a escrita cuneiforme.



Essa visão compreende a evolução da raça humana, que aparentemente passaria pelo homo habilis, pelo homo erectus, pelo homo sapiens, até chegar ao homem de neandertal, mas as teorias mais recentes concluem que essas espécies coexistiram, e que podem não ser necessariamente ancestrais do homem moderno, também conhecido como homo sexualis.



Isso reforçaria a teoria criacionista, que entende que o mundo foi criado há pouco mais de 6000 anos, e que o homem foi feito do jeito que é hoje, mas que, porém, despreza as provas dos fósseis, que remontam a milhões ou mesmo bilhões de anos, e que a extinção em massa das espécies possa ter ocorrido incontáveis vezes.





No meio-termo dessa polêmica, estão os adeptos da teoria evolucionista-teísta, que acreditam na evolução, mas com a observância de preceitos bíblicos, diferentemente dos evolucionistas-atéistas, que seguem à risca os conceitos de Darwin, e que acreditam piamente que descendemos dos macacos.



Com base nessa crença, um famoso cantor da década de 1960 cantou um sucesso até hoje não esquecido, que dizia “eu não sou macaco não”..., mas recentemente os defensores do politicamente correto entraram com um pedido no órgão máximo, absoluto, perene, inefável, onipotente, onipresente e onisciente, obtendo uma decisão liminar para proibirem o uso da denominação “macaco”, o que se aplica aos zoológicos, ao programa “Animal Planet” e aos livros de biologia, que doravante terão que arranjar outro nome para descreverem o animal.

LIBERTE SEU TALENTO

no Núcleo de Estudos Teatrais

Inscrições pelo WhatsApp (31)98025.1010, pelo telefone (31)3222.1010, no site “www.teatrodonet.com.br”, ou diretamente na Secretaria da escola, na Rua Timbiras, 1605 - Belo Horizonte - MG

MARVEL, DC COMICS E HOLLYWOOD



Parece que a indústria cinematográfica resolveu filmar somente roteiros da Marvel e da DC Comics. Os grandes lançamentos do cinema giram em torno das histórias mirabolantes dos super-heróis dos gibis, feitas as devidas adaptações às regras do “politicamente correto”, com a inserção de personagens de sexualidade dúbia, de moral menos irretocável, com características menos heróicas e mais humanas.

Para se ter uma ideia, já foram filmadas as aventuras do Hulk, do Capitão América, do Venom, do X-Men, do Homem de Ferro, do Morbius, do Quarteto Fantástico, do Thor, do Homem-Formiga, da Viúva Negra, do Pantera Negra, do Doutor Estranho, dos Vingadores, da Vespa, sendo que alguns desses que o público nem conhecia.

O Curinga, personagem coadjuvante do Batman, foi interpretado com maestria pelo talentosíssimo ator Joaquim Fênix, mas o roteiro não precisaria ser necessariamente levado para o universo da Marvel, pois contava a história de um palhaço qualquer que teria sofrido toda espécie de bullying na infância e na adolescência, até se tornar um sádico assassino, enredo que originalmente não fazia parte dos quadrinhos.

Pior é que não se contentam em reviver os personagens uma única vez, mas criam sequências exaustivas, como no caso do Homem-Aranha, que já deve estar na sua 56ª versão, isso sem contar o Batman, que já foi encenado por George Clooney, Christian Bale, Val Kilmer, Michael Keaton, Kevin Conroy, entre outros, e que dizem que agora será vivido pelo Tiririca.





AGROTÓXICOS

O Brasileiro come e bebe veneno há muito tempo, e talvez por isso seja tão resistente aos abusos das indústrias do agronegócio. Defensivos agrícolas estão presentes não somente em frutas, legumes e verduras que consumimos, mas também em cereais, carnes (os animais também consomem esses produtos), bem como de óleos, farinhas e outros itens deles originados.

A Anvisa recentemente proibiu o uso do carbendazim, um elemento extremamente cancerígeno usado em larga escala na agricultura, mas de acordo com as publicações especializadas, o Brasil utiliza 14 outros elementos proibidos pelo mundo afora, como o Tricolfon, Cihexatina, Abamectina, Acefato, Carbofuran, Forato, Fosmete, Lactofen, Parationa Metílica e Thiram.

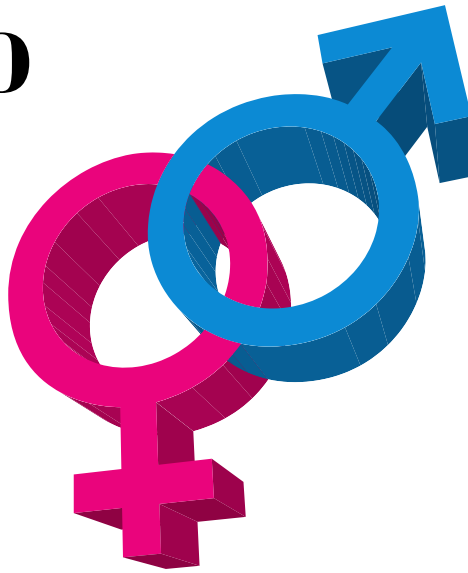
Os produtores alegam que a proibição desses defensivos afetaria severamente a produção agrícola do país, mas que indiretamente favorecem a indústria farmacêutica e hospitalar, gerando lucros fabulosos.

O problema é que esses elementos são altamente cancerígenos, e assim a população assustada parte para o

consumo de produtos orgânicos, que são muito mais caros, mas com pouca garantia de que são realmente isentos desses agrotóxicos. Existem até selos de procedência, mas nada que o mercado paralelo não possa produzir em pequenas gráficas ou mesmo em impressoras caseiras. E mesmo que forem de verdade, duvido que fiscais consigam acompanhar 24 horas a produção nessas fazendas ou sítios, para ver se os caras não utilizam esses venenos. É claro que é possível se fazer a análise do solo, mas do jeito que brasileiro é esperto, deve ter um jeito de comprar kits de amostras de solo em lojas de conveniência, para burlar essa fiscalização.

E não pensem que esses produtos são usados apenas em hortifrutis, mas também na cultura do arroz, do feijão, da soja, do milho, da azeitona, os bichos que você devora também consomem esses produtos, e querendo ou não você acaba indiretamente consumindo esses venenos, e o dia em que se olhar no espelho e verificar que estão nascendo escamas fluorescentes em sua pele já será tarde.

FEMINISMO



MACHISMO

A marca Du Loren fez muito sucesso, nos anos 1980, quando veiculou uma propaganda, de autoria do publicitário Whashington Olivetto, em que uma adolescente inaugurava o seu primeiro suporte de mamas, e saía às ruas toda encapulada, mesmo sem precisar usar o estranho acessório, porque a menina era uma verdadeira tábua, e naquele tempo ninguém costumava implantar essas descomunais prótese de silicone, que hoje também são largamente utilizadas nas nádegas, e que em muitos casos obrigam as suas portadoras a usarem sutiãs de bundas.

Uma ou duas décadas antes, esses apetrechos eram queimados nas ruas, como manifestação de liberdade das mulheres, cansadas dos abusos machistas, mas o efeito foi inesperado, pois alguns homens passaram a se interessar pelo equipamento, e gostaram tanto do resultado que partiram para outros itens, antes exclusivos dos armários femininos (daí o termo “sair do armário”), e hoje em dia fica muito difícil distinguir quem é homem e quem é mulher.

Mas essas mudanças de comportamento remontam de muito antes. Após as guerras mundiais, as mulheres resolveram conquistar o mercado de trabalho, após atuarem nas fábricas para a produção de equipamentos bélicos, e esse movimento provocou um extraordinário aumento da oferta de mão de obra, fazendo com que muitos homens deixassem o posto de provedores da família, ao passo que alguns até mesmo tornaram-se dependentes dessas mulheres.

A principal consequência foi a desestruturação da família, com a inversão dos papéis, até então muito bem definidos, e o surgimento do fenômeno da “terceirização” da criação dos filhos.

As mulheres passaram a assumir atividades estafantes, sendo obrigadas a colocarem suas crianças em creches ou a contratarem babás, funções geralmente mal remuneradas cujas profissionais são obrigadas, por sua vez, a relegarem os respectivos rebentos a “depósitos de crianças”, ou aos cuidados de parentes, amigos, vizinhos ou mesmo deixadas sozinhas, tornando-se alvo do abandono ou da bandidagem.

Não estamos dizendo que filho de pobre necessariamente vira bandido, mas se torna uma presa da indústria do tráfico, e esses potenciais aviõezinhos vão abastecer os estoques

daqueles filhinhos-da-mamãe desajustados, formando-se um ciclo destrutivo.

Pior ainda é quando esses representantes se tornam políticos, criando leis descriminalizadoras.

Brincadeiras ácidas à parte, se as mulheres voltassem a assumir o seu papel na criação de suas crianças, a sociedade poderia ser bem melhor. O pior é que não conseguem mais assumir o estafante papel de “donas de casa”, principalmente depois que os homens se tornaram uns bundões e a maioria não quer mais assumir as responsabilidades de chefe de família. Simplesmente, não tem mais volta.

A verdade é que, com essa inversão da sexualidade, com a moda de homem coisar com homem e mulher coisar com mulher, dentro em breve, não será mais necessário o controle de natalidade, que será obtido de forma natural, dispensando-se o uso de anticoncepcionais e outros produtos que podem trazer graves efeitos colaterais ao organismo dos usuários, até o ponto em que não haverá mais procriação, e o planeta retomarà a natureza de forma bruta, como era antes da chegada de Eva e Adão.



CHE

Guido Malaparte

Um dos ícones revolucionários do sec. XX foi, certamente, Che Guevara; sim, aquele que a torcida mais fanática e delinquente estampa em suas bandeiras. Aquele das camisetas de dândis e almofadinhas, e do poster na parede do quarto, à cabeceira da cama, o anjo das trevas. Che que matou índios, negros, homossexuais, trabalhadores, estudantes e mais quem se opunha ao seu pensamento hermético, tornou-se símbolo de defesa da vida. O homem que ordenou a prisão, a tortura e morte de centenas de outros homens, disposto a insuflar uma guerra onde estivesse, hoje é o símbolo da paz. O homem que elaborou frases de amor, solidariedade e sonhos, era diametralmente oposto em seus atos beligerantes, intransigentes, excludentes e torturantes. Falava do que não conhecia, e iludiu muitos com o seu falso conhecimento, pura lábia de uma mente vingativa e diabólica. Mas haverá sempre os desejosos em seguir o próprio capeta, desde que ele seja convincente e descolado, ou aparente piedade quando é peçonhento e desumano.

Este Che (stalinista empedernido e defensor ferrenho de Josep) está nos códigos e marcadores de livros de qualquer um que renunciou à própria consciência para salvaguardar o barbarismo e a hipocrisia revolucionária. E esse é o mote de Ernesto e inúmeros dos seus seguidores: fazer do embuste e do vício uma virtude.

Com palavreado adocicado a fel, frases açodadas, slogans e uma propaganda intensa do mito a negar o homem, diga-se, mau e perverso, gerações e gerações serão acalentadas com a balela ideológica de que os fins justificam os meios, seja lá qual meio for, para construir um mundo melhor que em nada melhora, em tudo piora, restando então o progresso para a fortuna e fartura de alguns poucos, a casta ou elite a substituir outra casta e elite por si mesmos.

Deixo-vos portanto com as melhores frases do mito Che, que soube muito bem ludibriar os ouvidos moucos e espíritos pacóvios de a "revolução" ser o melhor antídoto para o mundo injusto, desigual e miserável; e caso não desse certo, como efetivamente não deu, qualquer outra forma de rebelião seria combatida com as mais altas doses de injustiça, desigualdade e miserabilidade. Sem contar o pensamento tacanho, indigente e miserável do "nobre" frasista...

E o "rei" somente não ficou completamente nu porque o vestiram da mais tênue, etérea e translúcida cara-de-pau!



FRASES:

- "Se você é capaz de tremer de indignação a cada vez que se comete uma injustiça no mundo, então somos companheiros.
- Ser jovem e não ser revolucionário é uma contradição genética.
- Se eu andar me siga, se eu parar me empurre, se eu voltar me mate.
- Não há experiência mais profunda para o revolucionário que o ato da guerra.
- Acima de tudo procurem sentir no mais profundo de vocês qualquer injustiça cometida contra qualquer pessoa em qualquer parte do mundo. É a mais bela qualidade de um revolucionário.
- Fuzilamentos? Sim, fuzilamos e continuaremos fuzilando sempre que necessário. Nossa luta é uma luta (dedicada) à morte.
- O importante não é justificar o erro, mas impedir que ele se repita.
- A farda modela o corpo e atrofia a mente.
- Deixe-me dizer-lhe, correndo o risco de parecer ridículo, que o verdadeiro revolucionário é guiado por grandes sentimentos de amor.
- Na verdade, se o próprio Cristo estivesse no meu caminho eu, como Nietzsche, não hesitaria em esmagá-lo como um verme.
- O verdadeiro revolucionário é guiado por grandes sentimentos de generosidade; é impossível imaginar um revolucionário autêntico sem esta qualidade.
- Que culpa tenho eu, se meu sangue é Vermelho e meu coração é de Esquerda?
- Que importa onde a morte nos irá surpreender! Que ela seja benvinda, desde que nosso grito de guerra seja ouvido, que uma outra mão se estenda para empunhar nossas armas e que outros homens se levantem para entoar cantos fúnebres em meio ao crepitar das metralhadoras e novos gritos de guerra e de vitória!
- A culpa de muito dos nossos intelectuais e artistas reside em seu pecado original; não são autenticamente revolucionários.
- Eu não sou o Cristo ou um filantropo, velha senhora, eu sou totalmente o contrário de um Cristo... eu luto pelas coisas em que acredito, com todas as armas à minha disposição e tento deixar o outro homem morto, de modo que eu não seja pregado numa cruz ou qualquer outro lugar.
- O ódio intransigente ao inimigo, que impulsiona o revolucionário para além das limitações naturais do ser humano e o converte em uma efetiva, seletiva e fria máquina de matar: nossos soldados têm de ser assim.
- Louco de fúria, mancharei de vermelho meu rifle estrçalhando qualquer inimigo que caia em minhas mãos! Com a morte de meus inimigos preparo meu ser para a sagrada luta, e juntar-me-ei ao proletariado triunfante com um berro bestial!
- Um revolucionário deve se tornar uma fria máquina de matar motivado pelo puro ódio. Nós temos que criar a pedagogia do Paredão!"

STAND-UP COMEDY

Sou um “degustador” de shows de stand-up. Acho que já comentei sobre isso em outro artigo, não me lembro para qual revista. Falando assim, até parece que escrevo para várias revistas, mas é só para a Bulunga, e mesmo assim costumo ter alguns de meus textos vetados pelo meu coeditor, que fala assim: “cara, está muito ruim”.

Assisto muitos vídeos de stand-up na internet, quase todos os dias, e os meus preferidos são os do Afonso Padilha, do Diogo Portugal e do Igor Guimarães. Mas tem também o Danilo Gentili, o Léo Lins, o Fábio Rabin, mas sem me esquecer do Whinderson Nunes, que anda meio afastado depois de muitos tumultos na vida, mas também posso citar vários outros, que fazem muito sucesso por esse Brasil afora.

Woody Allen já fazia stand-up nos anos 60, Chris Rock, nos anos 80, e aqui no Brasil Jô Soares e Chico Anysio já contavam as suas histórias, não em pé, mas geralmente sentados em banquinhos, de cara limpa, sem cenário, e muitas dessas histórias eram baseadas em suas experiências pessoais.

Standupers não contam piadas nem representam personagens: falam de suas próprias vivências (as piores possíveis) e da observação do cotidiano, algo parecido com que os cronistas fazem, mas obedecem uma regra quase sagrada: a autodepreciação.

De todos esses, o que mais me impressiona é o Afonso Padilha. É inacreditável como ele consegue falar tanta besteira sem pensar, interagindo com o público com tiradas absolutamente hilárias, com um estoque que não parece ter fim. O resultado disso são sessões esgotadas por todos os lugares onde passa, pelo Brasil afora. Ele mesmo se espanta com o sucesso, pois teria sido desenganado para assumir as funções mais simples, como trabalhar em um escritório.

Igor Guimarães é outro que merece um estudo. Completamente louco, ele consegue fazer umas observações desconcertantes, nos fazendo refletir: será que ele falou isso mesmo? Impagável era o seu personagem Boneco Josias, que improvisou para um quadro no extinto Programa Pânico na TV (Band), e que fazia com que os próprios colegas de elenco passassem mal com suas improvisações.

Diogo Portugal já faz um show mais elaborado, mais pensado, e talvez seja o mais antigo dessa turma, considerado o “decano” do standup no Brasil. Porém, a passagem mais triste de sua vida foi quando, durante alguns anos, foi o “Louro José” da Luciana Gimenez, na Rede TV.

Os atores “clássicos” geralmente detestam esses shows pois alegam que os “invasores” roubaram o seu espaço nos teatros, sem precisarem gastar nada com elenco, cenários, figurinos e iluminação, e também porque não precisaram passar por exaustivos cursos de preparação.

Na verdade, é inveja mesmo, porque os shows de standup estão quase sempre cheios, pois o que o povo mais quer é se divertir, enquanto em algumas peças teatrais “intelectualizadas” às vezes é preciso sair catando mendigos nas ruas para fazer número na plateia.



Crentes podem ser chatos. Ou burros. Ou ridículos. Ou as três coisas. Muitos crentes são mal vistos por falarem uma coisa e fazerem outra, ou por fazerem coisas que dizem que não fazem. Contudo, nem todos são assim, mas isso acaba “queimando o filme” dos demais, o que pode afastar as pessoas das coisas de Deus.

As pessoas podem mudar, podem se libertar de vícios, se regenerar, mas quase sempre serão vistas com desconfiança por quem as conhece. Por isso, às vezes é preciso mudar de ares, como fez Paulo, o Evangelista, que era um perseguidor de cristãos e acabou se tornando um dos mais importantes personagens bíblicos, autor de grande parte do texto do Novo Testamento.

Mas o que é ser “crente”? Crente é aquele que crê, independente de qual seja o objeto de sua crença. Se a pessoa crê em um urso Panda, este será o seu deus (com “d” minúsculo). Mas isto não está certo, pois só existe um Deus verdadeiro (com “D” maiúsculo).

O problema maior é que nem todos os crentes acreditam em Deus: preferem colocar o seu foco em esculturas, pedras brutas, gente viva ou morta, animais, sol, lua, mar, raios e outros elementos da natureza.

Contudo, os crentes em Deus ainda podem pertencer a incontáveis denominações religiosas, que não raramente se digladiam entre si, e que utilizam os mais diversos nomes e símbolos para classificarem o seu criador. Entre esses, estão os Judeus, talvez os mais antigos e famosos, junto com os Hinduístas, mais antigos ainda, que possuem centenas de milhares de deuses, mas tem também as Testemunhas de Jeová, famosa por não aceitar a prática das transfusões de sangue, entre outras, que não reconhecem Jesus como sendo o salvador.

Porém, existem aqueles que acreditam que Jesus foi enviado ao mundo, conforme previa o Velho Testamento, e que após a sua morte e ressurreição foi deixado para nós o “consolador”, o Espírito Santo, que já pairava pelo mundo desde a sua criação. Ainda assim, existem distinções, como no caso da Igreja Católica, que insere no contexto Maria, a mãe de Jesus, e os Santos, aos quais prestam devoção. Existem ainda algumas religiões que acrescentam fatos novos, documentos secretos, com ensinamentos que não estão contidos no texto bíblico original.

Jesus é o mais famoso personagem da história. Não é John Lennon, como alguns poderiam pensar. Ele é tão famoso que mudou o calendário ocidental, dividindo a história entre o “antes” e o “depois” de Cristo, mas mesmo os que não seguem essa nossa contagem temporal, entendem a razão de ser assim. Acontece que muitos ainda não acreditam que ele existiu, mas que, se existiu, não passaria de um profe-

ta, de um curandeiro, de um adivinhador. Não se sensibilizam com a sua mais perfeita filosofia, com os seus milagres, com suas mensagens de paz, amor, humildade, cura e salvação. Preferem dar atenção a autores de autoajuda e a entretenimento estúpido nas redes sociais.

Contudo, nós, os que nos autodenominamos cristãos, temos grande parte dessa culpa, pois Jesus nos deu a incumbência de fazermos discípulos pelo mundo, mas perdemos o nosso precioso tempo com frivolidades, com debates inúteis e com brigas internas. Deveríamos ser menos bélicos, menos chatos, menos ridículos, menos burros, menos vaidosos, menos apáticos, e trabalharmos duro para conseguirmos “encantar” os nossos ouvintes, assim como Jesus fazia com as multidões, para mostrarmos quão belo poderia ser um mundo verdadeiramente cristão. Mas cometemos erros grosseiros, que são vistos como hipocrisias, e somos cobrados por isso.

Os “descrentes” preferem acreditar em falsas promessas de cunho político ideológico, que falam de uma ilusória liberdade, igualdade e fraternidade, por meio de auxílios aos ociosos, e o mundo vai sendo gradativamente seduzido por mentiras que estrategicamente precisam oprimir a crença em um Deus misericordioso, pois este tiraria o foco dos pretensos “libertadores” humanos, que exigem ser adorados como se divindades fossem.

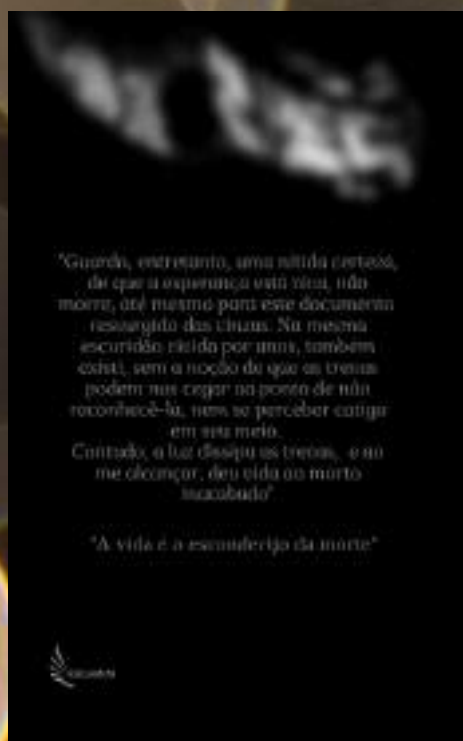
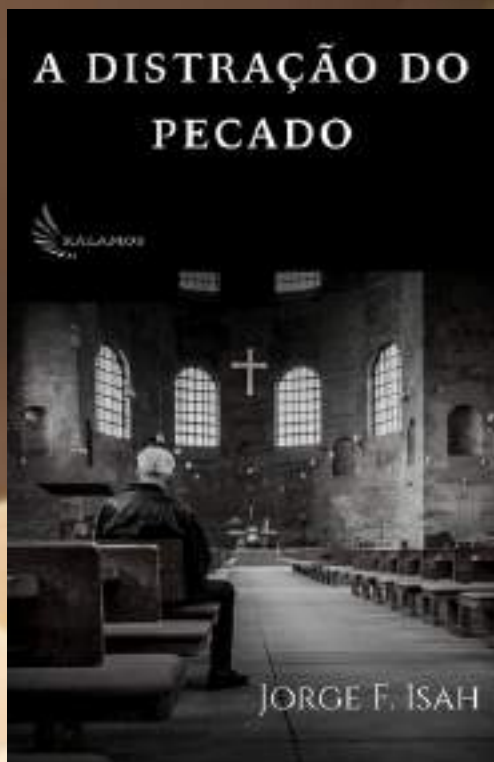
Não podemos tirar toda a razão dos descrentes. Devemos desenvolver um senso crítico, para não persistirmos no erro. Fica muito fácil perceber que alguns “crentes” mentem quando dizem que estão falando com o Criador, mas na verdade estão falando sozinhos, e fazem gestos repetidos, choram muito, inserem linguagem estranha em meio a exortações, para simularem fé e poder, sem que haja uma verdadeira conexão com Deus, com Jesus ou com o Espírito Santo.

Mas é preciso saber distinguir que nesse meio existe gente séria, simples, humilde, quebrantada, dona de uma fé inabalável. É preciso saber se aproximar dessas pessoas, e não daquelas que promovem espetáculos.

Você também pode CONVERSAR com Deus, da forma mais simples possível. Comece com um “bom dia, Pai! Eu queria pedir (ou agradecer), em nome de Jesus, por isto, isto e aquilo”. Nada de frases decoradas, mecânicas, copiadas dos exibicionistas, mas com muita humildade e sinceridade. Higienize-se. Fique de joelhos. Feche-se em seu quarto e peça perdão por seus incontáveis pecados praticados ao longo de sua existência. E quando ouvir a resposta, não tente tirar vantagem disso, não procure se exhibir, por se sentir repentinamente mais “privilegiado” do que os outros. Deus é para todos.

TÍTULOS À VENDA

acesse www.kalamos.com.br



Esta página é dedicada a piadas. Não tem como fazer piadas
diante da situação que estamos passando.